



///EDUARDO
///SÁ
///PSICÓLOGO

Porque é que as crianças têm de andar em bloco, atreladas umas às outras, por vezes desde o jardim de infância até ao 9.º ano?

EU TENTO COMPREENDER, mas não entendo porque é que as crianças entram no jardim de infância fazendo parte dum grupo e o acompanham um ano, e dois, e três, se for preciso. E o levam — em grande parte — consigo quando, ao transitarem de escola, passam para o 5º ano de escolaridade. Havendo até muitos casos em que um mesmo grupo se forma aos 3 anos e se desfaz no final do 9º ano. Esta ideia das crianças, amiga da porcelana, preocupa-me. Não sei quem é que convencionou que elas são avessas às mudanças. E que se “partem” quando se confrontam com as transformações com que a vida as desafia a crescer. E que, de tão frágeis, têm de andar em bloco, atreladas umas às outras, arriscando tudo o mais que isso lhes pode trazer. Por exemplo: de que forma uma criança — depois de atravessar, com dificuldades, um ano mau — se reabilita, no ano seguinte, aos olhos do grupo e do professor, ao mesmo tempo que dá o melhor

de si, enquanto tenta chegar até à “cabeça do pelotão”? Como não me agrada que, depois de ser, repetidamente, considerada boa aluna, uma criança tenha condescendências exageradas diante de alguns desmazelos escoláres (que todos os alunos precisam de ter), enquanto o “patinho feio oficial daquele grupo” merece “tolerância zero”.

Da mesma forma que prefiro que as crianças, dum ano para o outro, mudem de professor (e aprendam outras formas de o sentir, de o desafiar e de o acariciar, ao mesmo tempo que as mesmas disciplinas se transfiguram, sempre que ele as veste com novos métodos), **acho recomendável que, chegados ao fim dum ano, um grupo se parta em três ou em quatro e, depois de se “baralhar”, se construam novas turmas, com alguns velhos amigos e com muitos conhecidos do recreio.** E que, depois dum friozinho inicial na barriga, um novo grupo obrigue cada criança a fazer pela vida e a crescer, tornando-se mais plural, mais aberta e, sobretudo, mais competente para a mudança.

Ora, se pelo facto de terem cuidados de higiene mais esmerados as crianças foram crescendo, em muitíssimos aspetos, mais saudáveis, receio que — por não comerem fruta diretamente tirada das árvores ou, por exemplo, por não saborearem a água diretamente duma mangueira — não tenham tanto contacto como talvez devessem com a “vitamina P” (“esticando”, por isso, de menos o sistema imunitário), também quando são tratadas como se fossem de porcelana receio que as crianças desenvolvam uma espécie de “imunodeficiência adquirida” à mudança, às transformações e... à vida.

Como se não bastasse, convencionou-se que estão autorizadas a viver, unicamente, para a escola (como se a vida não nos desafiasse a gerir os nossos amores, a nossa família, os nossos amigos, os nossos compromissos, a

nossa conta bancário ou o nosso corpo, tudo ao mesmo tempo) e a não ajudarem nas tarefas de casa, como deviam. São convidadas a não ser autónomas (como se os pais fossem prestadores de serviços, quer no modo como estudam com elas, trabalham para elas ou, por exemplo, lhes levam a mochila até à porta da sala de aula) e não estão autorizadas a tirar notas assim-assim (quando devia ser... “proibido” que um aluno que nunca teve uma única negativa entrasse na universidade). Para cúmulo, têm, vezes de mais, “pó de arroz” nas notas, e há, invariavelmente, um coro de protestos quando têm avaliações globais no final dum ano, por mais que elas valham, sobretudo, como provas de aferição ou representem percentagens relativamente magras para a sua classificação final. Porque será que, ao mesmo tempo que temos vindo a criar, sem dúvida, os melhores exemplos de pais que a Humanidade jamais conheceu, entramos todos nesta ideia de desenvolvimento infantil, amiga da porcelana?... ●

